



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC - CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**CARLOS ALBERTO DE ALMEIDA**

**CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX: traços marxistas na obra de  
Patativa do Assaré**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

**CARLOS ALBERTO DE ALMEIDA**

**CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX: traços marxistas na obra de Patativa do Assaré**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,  
Artigo Científico apresentado à Coordenação  
do Curso de Filosofia pela Universidade  
Estadual da Paraíba - UEPB, requisito parcial  
à obtenção do título de graduação no curso de  
Licenciatura Plena em Filosofia.  
Área de concentração: Política Cultural

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2017**

A447c Almeida, Carlos Alberto de.  
Cante lá que eu canto Marx: traços marxistas na obra de  
Patativa do Assaré  
[manuscrito] / Carlos Alberto de Almeida. - 2017  
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Valmir Pereira, Departamento de  
Filosofia - CEDUC."

1. Exploração. 2. Expropriação. 3. Mais-valia. 4. Miséria.  
5. Propriedade.

21. ed. CDD 142

**CARLOS ALBERTO DE ALMEIDA**

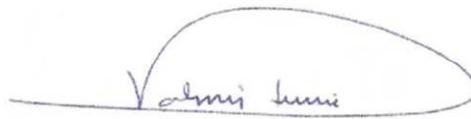
**CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX: traços marxistas na obra de Patativa do Assaré**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,  
Artigo Científico apresentado à Coordenação  
do Curso de Filosofia pela Universidade  
Estadual da Paraíba - UEPB, requisito parcial  
à obtenção do título de graduação no curso de  
Licenciatura Plena em Filosofia.

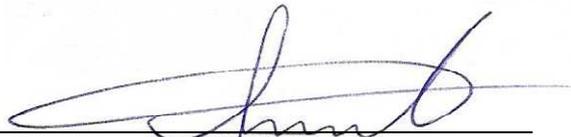
Área de concentração: Política Cultural

Aprovado em: 11/12/2017.

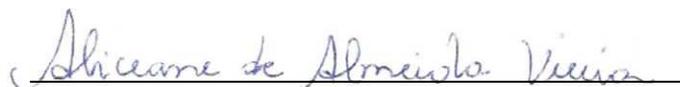
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida  
Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP/IBILCE)



Profª. Ma. Aliceane de Almeida Vieira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTO

Ao Deus que criou os homens e não ao que os homens criaram;

Aos meus pais Maria do Carmo Alves e Manoel Soares de Almeida (in memoriam), pela dedicação e esmero na formação cidadã, regada de conselhos, afetos, a necessária palmatória e amor, enfim;

Aos meus irmãos Antônio (in memoriam), Severina, Fátima, Roberto e Fernando pela partilha dos sabores e dissabores, momentos consolidaram nossa vida simples, mas repleta de fraternidade; Aos colegas pela partilha das horas “intermináveis” nos caminhos da graduação;

Ao professor, Dr. Valmir Pereira (extensivo, indistintamente, a cada um dos professores e professoras que nos auxiliaram na construção desse conhecimento), pela orientação a este Trabalho de Conclusão de Curso; A Universidade Estadual da Paraíba, através da Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia;

A Auristela de Lima Ramos – primeira professora – que me trouxe o encantamento do mundo da leitura e, também, Heriverta Virgínio Ferreira, minha mais jovem e incentivadora professora; Aos parentes e amigos que participaram desta minha etapa de vida: pelo apoio Claudionor Vital, Evaldo Brasil, Idésio Raimundo; aos camaradas Jaime de “Pedão” (in memoriam), Luiz Alberto Rodrigues e Roberto Numeriano e, por fim;

A Parícia, Tolstói, Mariângela e Carla – esposa e filhos – que de alguma forma foram privados do convívio pelo tempo dedicado às leituras e pesquisas, ainda incentivando e torcendo por esta conquista.

“Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor da sua  
terra, a marca de sangue dos seus mortos e a certeza de  
luta dos seus vivos!”  
(François Silvestre)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>05</b>
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>08</b>
<b>2.1</b>	<b>O gosto pela leitura: um traço em ambos</b> .....	<b>09</b>
<b>2.2</b>	<b>A literatura em Marx</b> .....	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>O FILOSOFAR EM PATATIVA</b> .....	<b>11</b>
<b>3.1</b>	<b>A similaridade e seus fundamentos</b> .....	<b>12</b>
<b>3.2</b>	<b>Paralelos: arte e literatura engajadas</b> .....	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>TRAÇOS DA FILOSOFIA MARXIANA</b> .....	<b>14</b>
<b>4.1</b>	<b>Mais-valia e propriedade</b> .....	<b>15</b>
<b>4.2</b>	<b>Exploração e opressão em Patativa</b> .....	<b>21</b>
<b>4.3</b>	<b>Analogias entre poeta e filósofo</b> .....	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>24</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>26</b>

## CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX: traços marxistas na obra de Patativa do Assaré

Carlos Alberto de Almeida<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente Artigo tem como objetivo apresentar ao mundo acadêmico-filosófico “Patativa do Assaré” – campestre com erudição poética e comprometimento social – em “CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX: traços marxistas na obra de Patativa do Assaré”, numa *análise* à obra do filósofo prussiano e pretendendo, a um só tempo, exaltar a luta, o engajamento e a resistência peculiares ao nordestino marcado pelos contrastes impostos pela natureza mais a luta de classes que, embora apregoada por Karl Marx, é tão acentuada quanto negada nestes tempos de globalização, prosperidade, riqueza e opulência para uns poucos; toda a sorte de espoliação e miséria para muitos homens, mulheres, jovens e crianças mundo afora. Na elaboração do presente trabalho investigou-se textos de Lukács, Marx e Rousseau dentre outros autores, além, evidentemente, da coletânea de poemas “Cante lá que eu canto cá – Filosofia de um trovador nordestino”, obra cordelística carregada de identidade e riquíssima oralidade, suscitando uma leitura acurada do mundo ao seu redor. “Patativa do Assaré”, assim alcunhado pela *similaridade* com o canto melodioso e triste da ave patativa traz, no mesmo canto, aspectos concernentes às temáticas da exploração, expropriação, mais-valia, miséria e propriedade fato que o remete à condição de filósofo e trovador, como sugere o subtítulo da coletânea: “Filosofia de um trovador nordestino”, premissas que aqui se almejam confirmar até às Considerações Finais.

**Palavras-chave:** Exploração. Expropriação. Mais-valia. Miséria. Propriedade.

### 1 INTRODUÇÃO

“Bonito de se ver, nem tudo que se ler, está escrito. É fácil de fazer, difícil é dizer o que nunca foi dito”. É de Vates e Violas<sup>2</sup> (2003) a frase que melhor se poderia empregar em algo tão inusitado. Ousar defender que na obra de um sertanejo simples, nordestino por dádiva da natureza e poeta por excelência é bastar-se de convicção ou loucura, mas o presente trabalho se encarregará de demonstrar ao mundo acadêmico que “ao contrário do que muitos pensam, muitos pensam ao contrário”, como diria o jornalista/humorista Jesus Rocha (in memoriam). Aqueles versos de Vates e Viola, quiçá, venham aludir à falta de referenciais teóricos que creditem a fundamentação desse trabalho científico, mas René Descartes (1596 – 1650) vem em socorro com sua dúvida hiperbólica e, onde dúvidas e certezas coexistem em mesmo grau e, portanto, têm as mesmas possibilidades de êxito. Conforme afirma Descartes

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: almeida.alma2014@gmail.com

<sup>2</sup> Grupo musical liderado por dois irmãos poetas, naturais da cidade da Prata-PB. Disponível em: <<http://vateseviolas.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 05 ago. 2017.

(2001, p.5), acima: “O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo”. Outra máxima cartesiana que dá suporte as hipóteses aqui colocadas é “[...] aqueles que só caminham muito lentamente podem avançar muito mais, se sempre seguirem o caminho certo [...]”, Descartes (2001, p.5).

O Artigo ora apresentado tem como base de pesquisa compêndios marxianos que contemplam as categorias da *Luta de classes*, *Mais-valia*, *Materialismo histórico* e *Trabalho* acostadas à coletânea *Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino*, a partir das sextilhas, septilhas e martelos da obra patativana com a similaridade que se infere.

Utilizando-se do o materialismo histórico e considerando a sociedade através de uma base material que alicerça o funcionamento de todas as coisas é que Karl Marx procurava entender o capitalismo e, a partir daí, propor a transformação política-econômica-social necessárias a uma sociedade igualitária. É louvável ressaltar que a obra marxiana – ao contrário do que muitos pensam – é dirigida a todos os homens e não apenas aos saciados pelos estudos econômicos-políticos-sociais. É a ação efetivamente política da obra de Marx que a torna revolucionária na possibilidade de superação às contradições da sociedade capitalista onde está implícita a exploração do homem pelo homem.

É pretensão – do trabalho que aqui se expõe – não apenas apresentar similaridade entre as obras dos autores supracitados, mas reafirmá-los enquanto vultos exponenciais da humanidade, tanto pelo aspecto da produção científica mundialmente reconhecida, contestada, acatada e discutida como as obras marxianas, quanto o ser campesino, investido de poeta e de filósofo, cujas denúncias em formato de versos feitos de “ferro e de flor” encantam o mundo além das fronteiras dos brasis brasileiros. A conjuntura mundial carece de um grito de alerta, a negação aos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, proposição da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789, fruto do Iluminismo, lema que posteriormente desagua na Revolução Francesa de 1848.

Contudo, na pesquisa que embasa este artigo, foram encontradas apenas duas referências sobre a influência de Marx em Patativa: uma citação que se pode averiguar mais adiante em *Visaopessoal*<sup>3</sup> (2011); outra em referência afirmativa de que o homem Antônio Gonçalves da Silva não fora influenciado por qualquer leitura marxiana, conforme se constata com Liliana Lavissee Teixeira<sup>4</sup> em *O canto da Patativa: oralidade e performance na poesia de Patativa do Assaré*, afirma não constar em sua pesquisa de mestrado em Literatura e Cultura da

<sup>3</sup> Patativa do Assaré, Ave Poesia. Disponível em: <<https://visaopessoal.wordpress.com/2011/03/16/39-%E2%80%93-patativa-do-assare-ave-poesia/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

Universidade Federal da Bahia-UFBA. Enfatiza Teixeira (2013, p. 112) que “em nenhum arquivo ou depoimento – dos que foram pesquisados para este trabalho – que o poeta tenha, em algum momento de sua vida, lido Karl Marx para ser influenciado pela sua ideologia”, ressaltando, no entanto, que o canto patativano “contém a estratégia da revolta e da denúncia revolucionária”.

A bem da verdade não se encontra em nenhuma literatura, como se confere na afirmação de Teixeira (2013). No entanto, em que pese a constatação de que **não consta em nenhum depoimento**, há controvérsia, como se pode averiguar em entrevista do poeta cearense concedida à jornalista Angélica Martins, programa de “<sup>5</sup>DE CORPO INTEIRO” - TV Educativa do Ceará (1986), a despeito de Patativa haver lido ou não alguma coisa sobre socialismo. Pasmem, assim respondeu Patativa: “*Já!*”. Perguntado sobre quais obras guardara em casa, responde o poeta modestamente que “*eu tenho várias, viu. Já li alguma coisa sobre socialismo*”. A jornalista recorre, então, ao tema e pergunta se dentre as obras lidas constam Marx, Lenin..., e ouve afirmativamente o trovador nordestino, em sua voz compassada: “*Já, sim, viu*”. Angélica Martins não se contém e emenda: “*Você se considera um socialista?*”, ao que “de bate-pronto” – aqui se utilizando uma linguagem futebolística –, recebe o arremate do poeta, olhos fitos na repórter: “*De coração, viu!*”.

Fato é que em se tratando de Patativa, pode-se recorrer ao senso comum com o popular “Devagar se vai ao longe”, embora Descartes (2001, p.5) propicie ratificação precisa e científica daquele adágio ao afirmar que “aqueles que só caminham muito lentamente podem avançar muito mais”. Por este prisma se busca, no artigo presente – calcado no parágrafo inaugural do *Discurso do Método* supracitado –, apresentar as evidentes<sup>6</sup> similaridades entre as obras de Karl Marx (1818–1883), filósofo de origem hegeliana, criador das bases da doutrina comunista, crítico voraz da teoria e prática capitalistas e Patativa do Assaré<sup>7</sup>, enquanto filósofo de lamentos e denúncias forjadas através das rimas e métricas, no compasso dos versos fortes, carregados de humanidade. É com este perfil que aqui se apresenta o homem Antônio Gonçalves da Silva, originário da Serra de Santana, município de Assaré-CE, nascido em 05 de março de 1909, filho de família campestre que inicia sua vida de repentista aos doze anos, após a morte do seu pai. Servirá de método, ao presente artigo, uma investigação argumentativa da coletânea *Cante lá que eu canto cá – Filosofia de um trovador nordestino* (2011), escritos célebres do autor cearense.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgrE8Lw&t=13s>>. Acessado em 23 nov. 2017.

<sup>6</sup> Evidência é a primeira das 4 regras do método cartesiano.

<sup>7</sup> Ave passeriforme, fringílida (S. falcirostris), da faixa costeira do Brasil meridional; patativa-do-sertão. Figurativamente, “Cantor de voz maviosa”, conforme o dicionário Aurélio.

O embasamento suscitado se dá, exatamente, na trajetória de Antônio Gonçalves da Silva no campesinato e a vida sofrida que o torna poeta Patativa, aguçadamente crítico com a realidade vivenciada. A questão agrária, algo muito presente nos versos patativanos, reveladores da má distribuição de terras, o coronelismo, o desemprego, a fome, o êxodo e tudo o mais daí resultante, são aspectos enriquecedores em sua biografia, o que permite uma articulação reveladora do filosofar patativano e seus traços marxistas, como se confere em <sup>8</sup>Visão Pessoal:

O poeta e cantador Patativa do Assaré (1909-2002) tem a sua história e seus versos destacados nesse documentário. A poesia popular é escancarada com suas ricas rimas para contar o sofrimento, a alegria e as lutas do seu povo. Patativa era daqueles artistas sábios, os versos com linguagem simples eram escritos com profundo saber. O poeta sabia adaptar os conhecimentos sobre Karl Marx para o povo humilde, e melhor, conseguia ser entendido. A política estava sempre presente na sua vida, sabia que lutar era único caminho para acabar com sofrimento da seca e desenvolver o lugar onde vivia. (VISA O PESSOAL, 2011).

## 2 DESENVOLVIMENTO

Aqui se retoma, por assim dizer, o método cartesiano a partir da sua divisão em item e subitem a fim de melhor encaminhar à similaridade proposta, depois a síntese e, por fim, a conclusão. Seguindo estes aspectos nada justificaria, tão bem, a defesa de um trabalho científico, em Filosofia, a partir da obra de um poeta popular do porte de Patativa do Assaré. Pois foram sua filosofia, seus ponteios de violas e folhetos de cordel que forjaram o poeta cearense.

*Cante lá que eu canto cá – Filosofia de um trovador nordestino*, insere-se na área de concentração Política Cultural e se pretende relevante principalmente em se tratando de graduação em Licenciatura que propõe uma interação dialógica entre Filosofia e Artes. Exaltar um poeta nordestino que, embora tenha despertado atenção do mundo acadêmico no campo da Literatura, não tem recebido mesma aquiescência do mundo filosófico, posto que as pesquisas realizadas apontam uma carência no que diz respeito a embasamentos teóricos que permitissem enriquecer o trabalho ora apresentado.

Mas Patativa, em que pese sua projeção nacional como poeta do repente e cordelista, precisa que seu reconhecimento popular se amplie também na academia, principalmente, nos meios filosóficos, por sua abnegação quanto à problemática social e similaridade com aquilo

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://visaopessoal.wordpress.com/2011/03/16/39-%E2%80%93-patativa-do-assare-ave-posesia/>. Acessado em: 12 jul. 2017.

que tanto defendeu Karl Marx, o filósofo alemão. Ademais, como se não bastasse esse apelo da obra patativana, há um silêncio ensurdecido quanto à divulgação do reconhecimento do poeta em além mar. Não por acaso nem se dá à-toa estudos em Literatura Popular Universal, tendo à frente o Professor Raymond Cantel (1914-1986), na Sorbonne Université de Paris, onde Patativa do Assaré é reputado como o maior poeta popular Brasileiro. A similaridade aqui apregoada entre Patativa e Marx se pode demonstrar a partir do gosto acentuado de ambos pela leitura de célebres autores da literatura universal.

## 2.1 O gosto pela leitura: um traço em ambos

Os primeiros traços marcantes entre ambos estão no gosto pela leitura. Por um lado, Karl Marx com sua predileção quase aficionada por Heine, Goethe e Shakespeare a quem considerava – ao lado do grego Ésquilo – os maiores gênios da dramaticidade. A prova disso está no modo como M. Paul Lafargue (1842-1911) descreve o leitor voraz existente no filósofo prussiano:

Sabia de cor as obras de Heine e Goethe e citava, de memória, trechos desses autores. Lia poetas de todas as literaturas europeias. Anualmente, lia Ésquilo no texto grego original. Considerava Ésquilo e Shakespeare os dois maiores gênios dramáticos de todos os tempos. Dedicou-se a estudar profundamente a obra de Shakespeare, por quem sentia admiração sem limites. Conhecia o caráter de todas as personagens criadas pelo dramaturgo inglês. Da sua devoção ao poeta de Hamlet compartilhava toda a família, tanto que suas filhas conheciam de cor os trabalhos de Shakespeare. (MARX, 2005, p. 140).

Patativa, por sua vez, lia o que lhe caísse às mãos com apurado gosto. Castro Alves (1847-1871), Fernando Pessoa (1888-1935), Jorge Amado (1912-2001), José Louzeiro<sup>9</sup>, Luís de Camões (1524-1579) e Olavo Bilac (1865-1918) por quem nutria muita admiração. Iniciado tardiamente, aos doze anos, no mundo das letras, o poeta Patativa do Assaré demonstrava sua inquietação com o saber, seu maior tesouro. Mesmo sem “arredar” o pé e a alma de sua roça, Patativa tomou gosto pela leitura e dela fez o seu melhor ofício, embora não largasse a mão da enxada roceira.

[...] Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo pra cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los [...]. (ASSARÉ, 2011, p. 99).

<sup>9</sup> José de Jesus Louzeiro (São Luís MA 1932). Romancista, contista, jornalista, roteirista, biógrafo. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6225/jose-louzeiro>>. Acesso em: 02 de mai. 2017.

Importante se faz – quando o objetivo é traçar um paralelo entre as obras de Marx e Patativa –, exaltar a relação desse filósofo alemão com a literatura. Assim requer que se o intérprete com profundidade, desvincilhando-se dos preconceitos que rondam sobre essa temática da pesquisa histórica ainda vista com tamanha irrelevância.

Investido de filósofo, e não de poeta, Marx deu enorme contribuição à literatura em seu pensamento. É urgente a necessidade de se considerar os profundos vínculos existentes, uma fusão nas relações constituintes de panoramas e simultaneidade analítica entre Karl Marx e a Literatura. Estes aspectos positivos, segundo Wilson (2006, p. 191), ensejam a Marx e Engels “tentarem fazer com que a imaginação histórica intervenha nos acontecimentos humanos diretamente, como força construtiva”, afirmação que nos leva a beber na fonte também da imaginação artística. Investido de poeta, Patativa traz em sua obra traços marxistas consideráveis para uma apreciação acadêmica acurada e, também, desprovida de quaisquer preconceitos conforme Assaré (2011, p. 20) “Meu verso rastêro, singelo e sem graça, / Não entra na praça, no rico salão, / Meu verso só entra no campo e na roça / Nas pobre paioça, da serra ao sertão”, onde se encontra uma densa obra recheada de argumentos que se prestariam à elucidação e apresentariam os tais traços anunciados da obra Marxiana.

Uma elaboração mais alongada, primando pela prudência aqui acolhida, resultaria em uma tese e não apenas artigo científico que, por sua própria estrutura, não comportaria tal intento. Não obstante, essas considerações, sugere-se uma observação em um dos componentes poéticos da coletânea patativana aqui trabalhada. Em todas elas há impressões sobre a vida da gente brasileira, com a lucidez de um filósofo e a alma ungida dos grandes poetas, (re) tratando as lutas, os lamentos, a miséria, a opressão, a exploração pelo poder econômico e pelo poder do sufrágio eleitoral, a mendicância da fome, da sede, da saúde e do analfabetismo, num país que está com o cérebro no primeiro mundo e as vísceras nos lixões destinados ao mundo dos desvalidos.

## **2.2 A literatura em Marx**

Karl Marx (1818 – 1883), filósofo prussiano da cidade de Tréveris, é trazido à luz por sua extrema preocupação com a literatura como um instrumento transformador pela consciência. É sabido nos meios acadêmicos filosóficos que Marx e Engels nunca escreveram um livro, sequer um estudo orgânico sobre literatura e suas problemáticas, mas é sabido também que o filósofo, numa fase mais amadurecida, imaginou um ensaio de suas ideias

sobre Honoré de Balzac (1799-1850), escritor de sua predileção. O projeto marxiano, contudo, não se consolidou pelo fato de Marx estar totalmente voltado, até sua morte, às teorias econômicas, frustrando, assim, o projeto que repousou em suas aspirações.

Temos em Lukács<sup>10</sup> (1885-1971) a afirmação da compreensão de Marx acerca da problemática da literatura ao enfatizar que haviam dois pontos de vista sobre a estética marxiana. O primeiro é que literatura e arte são parte integrante do materialismo histórico. O segundo dá conta de que literatura e arte são algo peculiar, especial e com suas especificidades no que concerne a determinados princípios estéticos:

[...]. Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem se apropria do mundo através de sua consciência [...]. Os princípios mais gerais da estética e da história marxista da literatura encontra-se, pois, na teoria do materialismo histórico. Só a partir do materialismo histórico podem ser compreendidas a gênese da arte e da literatura, as leis do desenvolvimento, as suas transformações, as linhas de ascensão e queda do processo de conjunto. (LUKÁCS, 2010, p. 12-13).

Ainda conforme Lukács,

Deve-se, antes de mais nada, saber que Marx e Engels nunca escreveram um livro ou um estudo orgânico sobre problemas literários no sentido estrito da palavra. É verdade que o Marx da maturidade sempre acalentou o propósito de expor num alentado ensaio suas ideias sobre Balzac<sup>11</sup>, seu escritor preferido. Mas este projeto como tantos outros, ficou no terreno das aspirações. (LUKÁCS, 2010, p. 11).

Acrescenta, ainda, como muitos textos de Marx e Engels relacionados à literatura vieram à luz. Por esta razão, o presente volume<sup>12</sup> é constituído em parte por cartas e anotações de conversas e em parte por trechos extraídos de trabalhos dedicados a temas diversos, nos quais Marx e Engels afloraram os problemas capitais da literatura.

### 3 O FILOSOFAR EM PATATIVA

Deve soar como pretencioso apresentar uma tese que eleve Patativa do Assaré ao patamar de filósofo. Sabe-se, perfeitamente, das restrições no âmbito da academia quanto à

<sup>10</sup> In: Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. **Cultura, arte e literatura** – textos escolhidos. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

<sup>11</sup> Honoré de Balzac: escritor francês notabilizado por suas agudas observações psicológicas. É considerado o fundador do Realismo na literatura moderna.

<sup>12</sup> Marx e Engels. **Cultura, arte e literatura** – textos escolhidos. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

defesa de uma tese que pretenda inserir um “inculto” em um rol acadêmico seletivo e privado de preconceitos. É, contudo, objetivo precípuo apresentar o nordestino Antônio Gonçalves da Silva, poeta de Assaré, como filósofo das caatingas, homem devotado às causas humanitárias e, através de sua sensibilidade poética e sua poesia cidadã, evidenciar similaridades entre sua obra e a obra de Karl Heinrich Marx, filósofo alemão, especificamente no que compreende o Manifesto Comunista, incidindo sobre a exploração, expropriação, mais-valia, propriedade e miséria.

Com as exposições acerca da densa obra patativana pretende-se ampliar o olhar sobre Patativa do Assaré no que tange às denúncias das agruras do homem nordestino, dimensionando e valorizando sua poesia que soa como reduzida a uma mera exposição desses flagelos; fazer conhecer que se trata de um filósofo sem a graduação que o consagre como tal e com embasamentos teóricos fundantes do seu pensamento que se constitui em caleidoscópio, apresentando um painel que evidencia as relações humanas, irmãos nordestinos com vida hostil, corpo e mente fustigados pela exploração capitalista em busca de sobrevivência, bem como evidenciar a crítica patativana ao Estado capitalista.

### **3.1 A similaridade e seus fundamentos**

Apontar similaridades entre as obras de Marx e Patativa é a fundamentação que se pretende, elencando situações que as confirmem. São, portanto, trechos pontuais da obra de ambos autores que embasam a similaridade entre ambas. Encontrar semelhanças entre coisas distintas é fazer analogia e, no caso desses “eventos”, portanto, há que se ter alguns cuidados e se certificar, no mínimo, de uma questão basilar como a temporalidade. Porém, não havendo incongruências, se pode encontrar semelhanças entre obras tão distintas e distantes no que concerne à temporalidade, mas tão próxima no que tange aos seus conteúdos pragmáticos: ambas são tão contemporâneas quanto o tempo presente, onde as mazelas sociais não cessam, mas se ampliam de modo globalizante e hostil.

Daí sucede demonstrar que Karl Marx, filósofo alemão, se embasa justamente nas relações sociais, se valendo do trabalho para fundar os pilares econômicos de sua obra. Aí, pasmem, já se tem um traço marcante entre as obras desses autores. Marx vê a história da humanidade como uma história do sofrimento, onde há a luta de classes residindo na injustificável exploração do homem pelo próprio homem. Como contraponto à burguesia reinante, à época, Karl Marx e Friedrich Engels conclamaram, em seu Manifesto Comunista, a união dos proletários – “Proletários do mundo uni-vos” – em prol da revolução e queda do

capitalismo fomentador das desigualdades sociais vivenciadas no processo de luta de classes, o socialismo científico, como vemos:

[...]. O Manifesto comunista, como não poderia deixar de ser, termina triunfalista e animado. Não quer espiritualizar e sim emocionar para a luta. Curiosamente, retoma a idéia do “fantasma”, ao desejar que “as classes dominantes tremam diante da idéia de uma revolução comunista”. Os proletários, que têm um mundo a ganhar com a revolução, também são, afinal, conclamados, na célebre frase: “Proletários de todos os países, uni-vos!”. (MARX; ENGELS, 2001, p. 28).

A partir da veemência do Manifesto Comunista imagina-se a reação de Marx e Patativa, diante da realidade brasileira, com os reflexos neoliberais que assolam o mundo, com um empresariado cuja máquina registradora ou conta bancária encontram-se avançadas, em patamares astronômicos, vivendo o quarto milênio e os trabalhadores vendo subtraído direitos conquistados com sangue, suor e lágrimas, retroagindo aos tempos da Casa Grade & Senzala, como bem retrata a célebre obra do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Trabalho intermitente, redução do horário para almoço, negociação sem a presença sindical e desmantelamento da Justiça do Trabalho? A verdade é que o que está aí posto já fora alardeado por ambos, Marx ao seu tempo e modo, Patativa na contemporaneidade dos versos quentes saídos da fornalha do seu pensamento.

### **3.2 Paralelos: arte e literatura engajadas**

É mister contextualizar o engajamento noutras obras de autores nordestinos neste contexto em que se situa Antônio Gonçalves da Silva. A arte nordestina é impregnada de brados por justiça social, denúncias perpetradas tanto através da literatura de Castro Alves que denunciara a exploração do homem negro, no período escravocrata, em seu *Navio Negreiro*; Euclides da Cunha, em *Os sertões*, denunciara a chacina de Canudos; Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, evidenciara sua crítica à espoliação do homem pelo coronelismo, cuja origem está na concentração da propriedade, como vimos em Rousseau (1712-1778); Gregório de Matos (1636-1696) também se utilizara de sua verve literária para denunciar a “nobreza” portuguesa com seu modo sarcástico que, em virtude dos seus poemas, lhe rendeu a alcunha de “Boca do Inferno”; Jorge Amado igualmente, em “*Capitães de Areia*” e “*Jubiabá*”, denunciara a desigualdade pelo escravagismo, exploração do homem pelo homem; José Américo de Almeida (1887-1980) aborda a mesma temática da concentração de terra e o êxodo em “*A Bagaceira*”; José Lins do Rego (1901-1957) não foge à regra quanto à propriedade e retrata a saga do homem que servia aos engenhos até sua decadência na imagem

das chaminés com seu “*Fogo Morto*”; Raquel de Queiroz (1910-2003) também trilha os caminhos de José Américo e Graciliano, onde a paisagem denota uma questão agrária secular na obra “*O Quinze*”.

Ainda neste contexto o pernambucano Josué de Castro (1908-1973) nos apresenta a “*Geografia da Fome*”, investido de médico, nutrólogo e cientista social. Já como romancista de única obra temos “*Homens e caranguejos*” nos revelando o fenômeno da fome, através da saga de um menino pobre que da lama do manguezal recifense tira seu sustento em busca da sobrevivência.

Na música também é demarcado um território onde se tem um cenário altivo de clamores e denúncias. Luiz Gonzaga (1912-1989), ao lado de parceiros como Humberto Teixeira (1915-1979) e Zé Dantas (1921-1962), por exemplo, trouxe à baila um discurso em favor do homem sofrido do Nordeste. A questão agrária, a seca e o consequente êxodo estão inseridos em seu ambiente musical. O paraibano Geraldo Vandré (1935) traz, em duas canções emblemáticas, seu brado por justiça em “*Pra não dizer que não falei das flores*” também celebrizada como “*Caminhando e cantando*” e em “*Disparada*”, obras irretocáveis. Essa denúncia ressurgiu após duas décadas noutro paraibano, Vital Farias<sup>13</sup> (1943), em duas das suas principais obras: “*Saga de Severinin*” e “*Saga da Amazônia*”. Nesta última, denuncia a grilagem internacional, exploração e morte do homem da floresta:

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta  
Matas verdes, céu azul, a mais imensa floresta  
No fundo d'água as Iaras, caboclo lendas e mágoas  
E os rios puxando as águas [...].

Aqui termino essa história para gente de valor  
Pra gente que tem memória, muita crença, muito amor  
Pra defender o que ainda resta, sem rodeio, sem aresta  
Era uma vez uma floresta na linha do Equador.

#### 4 TRAÇOS DA FILOSOFIA MARXIANA

Das *Teses Sobre Feuerbach*, que Marx escrevera como anotações pessoais – e que Engels publicara em 1888 – consta precisamente na tese 11<sup>a</sup> a afirmara Marx (1996, p. 11) que “a filosofia se limitara a interpretar o mundo de várias maneiras, quando era preciso transformá-lo”. Assim inicia Marx (1996, p. 11) sua crítica em *O Capital*, volume I: *Crítica da Economia Política*, refutando o idealismo hegeliano com a afirmação de que “Não são, portanto, a idéia Absoluta, o Espírito, a Consciência Crítica, os conceitos de Liberdade e Justiça, que movem e transformam as sociedades”. Conforme a 11<sup>a</sup> Tese (Marx a Feuerbach),

---

<sup>13</sup> FARIAS, Vital. Sagas brasileiras: saga da Amazônia. Blogspot, 1982. Disponível em: <<http://vitalfariascantador.blogspot.com.br/2011/07/vital-farias-minha-historia-e.html>>. Acessado em: 16 ago. 2017.

é a mobilidade que transforma a sociedade, cujo dinamismo social deve ser perseguido com vistas ao desenvolvimento das forças produtivas e no relacionamento entre os homens buscando saciar necessidades comuns. Para Marx, diferentemente de Hegel, não é o Estado que dá origem à sociedade civil, muito pelo contrário, ela é que gesta o Estado, como se pode conferir:

A filosofia se limitara a interpretar o mundo de várias maneiras, quando era preciso transformá-lo. A ideologia é, assim, uma consciência equivocada, falsa, da realidade. Desde logo, porque os ideólogos acreditam que as ideias modelam a vida material, concreta, dos homens, quando se dá o contrário: de maneira mistificada, fantasmagórica, enviesada, as ideologias expressam situações e interesses radicados nas relações materiais, de caráter econômico, que os homens, agrupados em classes sociais, estabelecem entre si. Não são, portanto, a idéia Absoluta, o Espírito, a Consciência Crítica, os conceitos de Liberdade e Justiça, que movem e transformam as sociedades. (MARX, 1996, p. 11).

Caminha-se pela obra marxista para se constatar que Karl Marx, uma vez vislumbrando as leis do desenvolvimento da sociedade, contrapõe-se ao idealismo hegeliano que sugere a etapa última da evolução da consciência onde tudo é superado no Espírito Absoluto. Contrariamente, Marx (2010, p. 97), tratando da *Concepção Materialista da História da Cultura: existência social e consciência social*, defende que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, muito pelo contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”. Marx, mentor do materialismo dialético, concebe a história baseando-se na constante luta de classes, sendo o primeiro a apontar as vias e os meios reais de libertação dos trabalhadores da opressão social. Para o filósofo prussiano só aí se criam as condições verdadeiramente humanizadas de vida, consagrando-se, então, o direito ao livre desenvolvimento de todas as faculdades físicas e intelectuais dos seres humanos. No capítulo *Burgueses e Proletários*, Marx proclama:

A indústria moderna transformou a pequena oficina do antigo mestre da corporação patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista. Massas de operários, amontoados na fábrica, são organizadas militarmente [...]. Não são somente escravos da classe burguesa, do Estado burguês, mas também diariamente, a cada hora, escravos da máquina, do contramestre e, sobretudo, do dono da fábrica. E esse despotismo é tanto mais mesquinho, odioso e exasperador quanto maior é a franqueza com que proclama ter no lucro seu objetivo exclusivo. (MARX; ENGELS, 2001, p. 59)

#### 4.1 Mais-valia e propriedade

É a partir dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (Manuscritos de Paris), que Marx denuncia a contradição na relação *capital x trabalho* que produz impactos nefastos com a

famigerada alienação da mão de obra. Marx, em sua ótica, lança luzes sobre aquilo que considera o centro da insaciedade capitalista sob os grilhões do *lucro* e da *mais-valia*. Esse binômio representa um hiato entre aquele que detém os meios de produção e o trabalhador que detém a mão de obra. Karl Marx nasce em 1818, três décadas após a Revolução Francesa da qual, como se há de supor, sofre uma enorme influência. O filósofo prussiano, sob o prisma do Direito e da Moral, mergulha nas relações entre economia política e Estado, e seus efeitos na sociedade civil.

Assim se demarca a divisão social onde o capitalista – dono dos meios de produção e da propriedade – usurpa e/ou subjuga o trabalhador –aquele que vende sua força de trabalho alienado –, acarretando acumulação de riquezas ao capitalista. É nesse contexto que leva Marx a dedicar uma vida inteira a estudo da relação entre *trabalho* e *capital*. Sua crítica alimenta a ideia de submissão do trabalhador em relação ao capital, o que denota contrassenso, posto que sua mão-de-obra é capital vivo, mas refém do capital que o explora. O trabalhador, aí, se investe de capital a serviço do capitalista que nega sua condição humana, embora tenham ambos (capitalista e trabalhador) as mesmas necessidades existenciais. A diferença entre ambos, contudo, é coercitiva do capitalismo burguês, considerando-se que se a mão-de-obra não lhe tem mais utilidade, descarta-a.

Em Patativa essa temática é trabalhada nos versos temperados da poesia saída da fornalha como se tivera brotado de um vulcão, onde as lavas eclodem em rima, métrica e improvisos. Os versos de “*Brasí de Cima e Brasí de Baxo*<sup>14</sup>” trazem elucidação sobre a espoliação e ultraje da mais-valia e propriedade explicitada, principalmente, no Manifesto Comunista de Marx e Engels como se fora um novo brado à união dos trabalhadores do Brasil:

Aqui no Brasil de Cima,  
Não há dô nem indigência,  
Reina o mais soave crima  
De riqueza e de opulência;  
Só se fala de progresso,

Riqueza e novo processo  
De grandeza e produção.  
Porém, no Brasi de Baxo  
Sofre a feme e sofre o macho  
A mais dura privação.

Karl Marx e seu camarada Friedrich Engels redigiram juntos, em 1847, a pedido da Liga dos Justos (Liga dos Comunistas) um enorme tratado dedicado aos trabalhadores no *Manifesto Comunista*, no qual tecem críticas severas à questão da propriedade bem como ao monopólio dos meios de produção pelos capitalistas. Marx e Engels evidenciam as lutas de classe como mola propulsora de todas as desigualdades entre os homens. No *Manifesto*

---

<sup>14</sup> (ASSARÉ, 2011, p. 271)

*Comunista* eles se insurgem contra a burguesia e seu monopólio da propriedade privada dos meios de produção:

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária dessas transformações foi a centralização política [...]. A burguesia, durante seu domínio de classe, apenas secular, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais que todas as gerações passadas em conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura [...]. Nas condições de existência do proletariado já estão destruídas as da velha sociedade. O proletário não tem propriedade; suas relações com a mulher e os filhos nada têm em comum com as relações familiares burguesas. (MARX; ENGELS, 2001, p. 67).

Para Marx e Engels foi na sociedade feudal que se originaram os meios de produção e de troca que dão base ao surgimento da burguesia que os sufocou em sua fase de pleno desenvolvimento, o que deu margem ao estabelecimento da livre concorrência, com uma organização social e política correspondente, com a supremacia econômica e política da classe burguesa, conforme o Manifesto (MARX; ENGELS, 2001).

A burguesia se nutriu do sistema feudal para criar seus meios de produção e de escambo, exatamente na forma em que a sociedade feudal produzia e fazia suas trocas. Nutriu-se, do mesmo modo, da organização feudal na agricultura bem como do seu regime de propriedade que sucumbiu no ápice do desenvolvimento. A burguesia destroçou a economia feudal em nome do progresso ali representado pela livre concorrência, pilar das sociedades capitalistas que, dependendo do grau de uma crise, usa de protecionismos entre seus iguais. A classe burguesa declarou, então, sua supremacia a partir do esmagamento do feudalismo. Mas em sendo a história cíclica, o capitalismo que apresentou sua pujança a partir da revolução industrial, está em profunda crise existencial, posto que não se sustenta nos pilares que o mantém explorando o homem e exaurindo a natureza, numa perversa e destrutível contradição.

Ainda sobre a questão da propriedade, nunca é demais trazer luzes a uma argumentação, daí se introduzir o pensamento do filósofo Jean-Jacques Rousseau quanto à questão da propriedade, como se confere no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, segunda parte, no qual discorre sobre a fertilização natural da terra e suas florestas antes dos malefícios a ela causados ao longo da história da humanidade.

A terra, na tese rousseuniana, traz saciedade ao homem e toda sorte de vida a partir da sua abundância, mas da propriedade e da posse não se pode, inexoravelmente, afastar da acumulação de bens que suscita a superioridade e subalternidade entre indivíduos e,

inevitavelmente, produz as desigualdades e conflitos nesses agrupamentos, conforme Rousseau (1978, p. 259-260):

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer *isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!” [...]. Foi preciso fazer-se muitos progressos, adquirir-se muita indústria e luzes, transmiti-las e aumentá-las de geração para geração, antes de chegar a esse último termo do estado de natureza [...]. O primeiro sentimento do homem foi o de sua existência, sua primeira preocupação a de sua conservação. As produções da terra forneciam-lhe todos os socorros necessários, o instinto levou-o utilizar-se deles. Como a fome e outros apetites o fizeram experimentar sucessivamente novas maneiras de existir, houve um que o convidou a perpetuar sua espécie e essa tendência cega, desprovida de qualquer sentimento de coração, não engendrou senão um pacto puramente animal; uma vez satisfeita a necessidade, os dois sexos não se reconheciam e o próprio filho, assim que podia viver sem mãe, nada mais significava para ela [...]. À medida que aumentou o gênero humano, os trabalhos se multiplicaram com os homens. A diferença das terras, dos climas, das estações pôde forçá-los a incluí-la na sua própria maneira de viver.

Necessário se faz – antes de se adentrar na visão patativana da exploração e opressão através dos seus versos – situar essa temática também no âmbito filosófico do *Contrato Social* de Jean-Jacques Rousseau que traz em seu *Capítulo IV – Da escravidão*, uma preocupação que se sustenta ainda no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, para o qual a propriedade é a causadora de todas as distorções sociais. No *Contrato Social* assevera Rousseau (1978, p. 26-27) que:

Visto que homem algum tem autoridade natural sobre seus semelhantes e que a força não produz qualquer direito, só restam as convenções com base de toda autoridade legítima existente entre os homens [...]. Alienar é dar ou vender. Ora, um homem, que se faz escravo de um outro, não se dá; quando muito vende-se pela subsistência. Mas um povo, por que se venderia? O rei, longe de prover à subsistência de seus súditos, apenas dele tira a sua e, de acordo com Rabelais, um rei não vive com pouco [...]. Afirmar que um homem se dá gratuitamente uma afirmação absurda e inconcebível; tal ato é ilegítimo e nulo, tão só porque aquele que o pratica não se encontra no completo domínio de seus sentidos. Afirmar a mesma coisa de todo um povo, é supor um povo de loucos: a loucura não cria direito.

Patativa do Assaré, por sua vez, caminha no mesmo sentido, sugerindo em sua poesia – sem carecer de embasamento teórico filosófico – a transformação social para o homem do seu Nordeste brasileiro. Seus versos, claro está, instigam sua gente a sair da subalternidade e ser protagonista de sua própria história, emergindo de uma tradição de ruína e sofrimentos, buscando a identidade político-cultural na afirmação como nação nordestina que bem poderia soar como um paralelo: Nordestinos uni-vos! A obra de Patativa é permeada de signos onde a

oralidade precede a palavra antes que tome essa forma escrita. Sua poética oral era performática numa voz pausada, rouca de poeta social, como era reconhecido, dado aos brados por justiça, uma bandeira que conduzia hasteada pela vida afora. Talvez, nem no coloquial, Patativa houvesse utilizado o termo “mais-valia”, mas é correto que se atribua a ele o conhecimento de causa, posto que a mais-valia floresce afiada em rima e métrica no verso “Só tem direito a dois dia / E o resto é do patrão”, na obra “*Seu dotô me conhece?*”<sup>15</sup>:

Seu dotô só me parece	Sou o que durante a semana
Que o sinhô não me conhece	Cumprindo a sina tirana
Nunca soube quem sou eu	Da grande labutação
Nunca viu minha paioça	Pra sustentá a famia
Minha muié, minha roça	Só tem direito a dois dia
E nem os fios que Deus me deu [...].	E o resto é do patrão.

A mais-valia é um conceito que Marx já concebera e apresentara em rascunhos (MARX, 1996) “com todo o arcabouço de teses, tal qual se tornaram conhecidas nos três livros de *O Capital*”. O termo mais-valia ou mais-valor<sup>16</sup> é próprio da relação entre produção de mercadoria, seu valor de uso, também valor de troca e o valor do trabalho que se aplicado na produção.

Imaginemos um operário trabalhando 5 dias para produzir 120 pares de tênis. Completada a jornada dos 05 dias ele terá produzido 120 pares de tênis, aqui se considerado que agregou custos em valor de troca final. Dessa forma os 5 dias de trabalho produzem riquezas que suprem a força de trabalho, defende Marx. O dono do capital e, por conseguinte, dos meios de produção não têm como transformar, por essa via, seu investimento em capital pelo simples fato de o custo de produção e valor de troca serem o mesmo. O operário, neste caso específico, cumpre a obrigatoriedade de um contrato trabalhista que lhe impõe mais 17 dias que complementarão sua jornada mensal e, por conseguinte, seu salário. Daí resulta a mais-valia – um excedente de 408 pares de tênis dos 528 produzidos nos 22 dias, daquilo que era necessário ao pagamento do seu salário –, recolhida pelo dono do meio de produção, o capitalista:

---

<sup>15</sup> (ASSARÉ, 2011, p. 114).

<sup>16</sup> Adotou-se como norma utilizar as expressões marxistas vertidas ao português por economistas, sociólogos, filósofos etc. e de uso corrente, de modo a facilitar a compreensão do texto. Pareceu-nos que seria um purismo injustificável retraduzir por exemplo Mehrwert por mais-valor (em analogia com mais-trabalho e mais-produto), quando a expressão mais-valia é o vocábulo consagrado em português. Não obstante, um grande número de novas expressões — tais como produto-valor, objetividade do valor, forma-valor, mercadoria monetária, giro monetário etc. — tiveram que ser criadas. É preciso notar que boa parte dos termos técnicos de Economia, utilizados por Marx, são correntes na literatura econômica moderna e têm expressões portuguesas já consagradas, que foram, por isso, sistematicamente adotadas na tradução. (MARX, 1996, p. 123).

Em janeiro de 1866, Marx já possuía em rascunho todo o arcabouço de teses, tal qual se tornaram conhecidas nos três livros de *O Capital*, desde o capítulo inicial sobre a mercadoria até a teoria da renda da terra, passando pelas teorias da mais-valia, da acumulação do capital, do exército industrial de reserva, da circulação e reprodução do capital social total, da transformação do valor em preço de produção, da queda tendencial da taxa média de lucro, dos ciclos econômicos e da distribuição da mais-valia nas formas particulares de lucro industrial, lucro comercial, juro e renda da terra. (MARX, 1996, p. 18).

O capitalismo aperfeiçoou seu *modus operandi*. Passado um século e meio, desde Marx rascunhou o arcabouço de suas teses que desaguaram em sua obra *O Capital* tão atual quanto a metamorfose capitalista, o tentáculo desse insano sistema avançou sobre aquilo que o trabalhador tinha como reserva, direitos trabalhistas e uma previdência que o acolhia após anos de labuta insalubre, em sua maioria. A previdência “falida” alimenta banqueiros e outras grandes empresas com perdões de dívidas bilionárias em detrimento da saúde, educação, segurança e lazer brasis afora, só para citar este pedaço dessa América, também alvo das denúncias de Eduardo Galeano<sup>17</sup> (1940-2015), nas *Veias Abertas da América Latina*, tratando da divisão internacional do trabalho quando expõe que “alguns países se especializam em ganhar e outros em perder”: seus filhos morrem por inanição, diarreia ou nas filas de hospitais, a despeito de um capitalismo que ocupa territórios, produz saques, fome e miséria.

Faz-se necessário, aqui, lembrar que uma das palavras-chave, *propriedade*, está entre as preocupações de Marx (como estivera em Rousseau) que em 1886 já esboçara as teses de *O Capital*. Porém seis anos antes dessas teses, e muitos anos antes da Revolução Industrial, um escabroso genocídio estadunidense contra seus nativos, narrada por Dee Brow (1908-2002) em “ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO - A dramática história dos índios norte-americanos”, publicado em 1970, cobrindo o período de 1860 a 1890, onde a ganância capitalista revela que “os brancos guardam a memória dos massacres em documentos quase inacessíveis, escondendo um grande número de massacres de aldeias indígenas, com morte a sangue-frio de velhos, mulheres e crianças”, conforme Brown (2013, p. 4-5).

No mesmo sentido a obra galeanesca retrata uma América Latina como se fora a comarca do mundo e expõe sua precocidade na especialização em entregar o patrimônio de seu povo desde os primórdios tempos “em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta”. Os filhos dessa América trabalham como serviços, vivendo penúrias para atender às necessidades alheias: seja na exploração da fonte/reserva “petrolífera e ferro, cobre, carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos”,

---

<sup>17</sup> Escritor e jornalista uruguaio, autor do livro “As Veias Abertas da América Latina”, uma obra que exerceu profunda influência no pensamento de esquerda latino-americano.

alimentado os países ricos que, consumindo-os, lucram muito mais do que a América Latina produtora, afirma Galeano (2010, p. 17).

Insurgindo-se em defesa da terra e denunciando atrocidades contra a humanidade, encontra-se uma Patativa nos versos – exemplo em *A terra é nossa*<sup>18</sup> – que se coadunam com as preocupações que remetem aos contratualistas Thomaz Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e, sobretudo, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) para quem a origem da desigualdade entre os homens tem sua essência na propriedade, tema que Marx muito aprofunda em suas teses. Veja-se Patativa em *A terra é nossa*:

A terra é um bem comum  
Que pertence a cada um.  
Com o seu poder além,  
Deus fez a grande Natura  
Mas não passou escritura  
Da terra para ninguém [...].

O grande latifundiário,  
Egoísta e usurário,  
Da terra toda se apossa  
Causando crises fatais  
Porém nas leis naturais  
Sabemos que a terra é nossa.

#### 4.2 Exploração e opressão em Patativa

Patativa, ainda que encarcerado pela incompreensão do mundo que o rodeia, seu ser poeta é repleto de liberdade mesmo quando reflete em versos as agruras da terra, ecoando em sua poética os sentimentos até mesmo aqueles dos momentos de incredulidade. Aí sua arte sintoniza astros distantes, pés no chão, despojado de tudo o que signifique grandeza etérea. Em “*Brasí de Cima e Brasí de Baxo*” o poeta Patativa do Assaré revela dois Brasís como se em castas fora dividido. Nessa divisão de classe ele não só ratifica Rousseau ao descrever em um só território o pobre e o rico, ainda alargando a similaridade com Marx, ao abordar a luta de classes propagada pelo filósofo prussiano, como se confere: “*E onde muitos estão no mesmo nível / De indignância, desgraça e desventura, / É onde vive sofrendo a classe pobre*<sup>19</sup>.”

Patativa, com o mesmo ímpeto, versos de gumes afiados como de “riscando fogo” nos terreiros, salas e quintais da sua poesia popular, denuncia a espoliação, exploração e apropriação da força do trabalho, temas por ele bem abordados, como se pode conferir na poesia Caboclo Roceiro<sup>20</sup>:

Caboclo Roceiro, das plagas do Norte  
Que vive sem sorte, sem terra e sem lar,  
A tua desdita é tristonho que canto,  
Se escuto o meu pranto me ponho a chorar [...].

Ninguém te oferece um feliz lenitivo  
És rude e cativo, não tens liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola.  
Teu braço é a mola que move a cidade.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://patativadoassare.com/a-terra-e-nossa/>>. Acessado em: Acessado em 05 jul. 2016.

<sup>19</sup> (ASSARÉ, 2011, p. 43): O inferno, o Purgatório e o Paraíso.

<sup>20</sup> (ASSARÉ, 2011, p. 99).

Como homem campesino é interessante observar que Patativa denuncia o êxodo – mais enfaticamente em “*A triste partida*” eternizada na voz do grande Luiz Gonzaga, O Rei do Baião –, um fenômeno que incide sobre a distribuição populacional camponesa no Brasil, ocorrendo a partir do ciclo migratório nordestino no século XIX, estendido até início do século XX. Esse fenômeno migratório se dá pela grande seca nos idos de 1877 e 1880, promovendo a saída da população camponesa da região em busca de melhores condições de sobrevivência. Nessa linha, afirma Prado Junior (1973, p.78), que este fato gerou o despovoamento do interior nordestino do Ceará até a Bahia, o que está contextualizado em um cenário onde o autor se insere como artista provocador de cidadania, onde o lavrador demonstra afeto à terra, tratando-a como se fora um ente, bem observado por Brandão, em “*O afeto da terra*”:

Há um prazer fecundante que torna parceiros de uma relação amorosa o lavrador e a terra. Eu reconheço que neste enlace de afeto está o desejo de tornar "culturalmente" culto o inculto, civilizado o selvagem, socializado e útil aquilo que, dado pela natureza ao homem, somente parece completar o ciclo de seu valor quando transformado de floresta em campo, de campo em terra de lavoura, de terra de lavoura em lavoura plantada e colhida. (BRANDÃO, 1999, p. 64).

Numa análise desprovida de sentimentalismo, mas suprida de embasamento teórico, vislumbra-se um filósofo humanamente poético e, em contraponto, um poeta poeticamente antropológico. Marx e Patativa denunciam sua indignação e descontentamento com a ordem capitalista, cuja dinâmica é a exploração que reflete na luta de classe enfatizada por Marx na extensão de sua obra. Daí confundirem-se o poeta e o filósofo quando, por exemplo, um defende o proletariado e o outro apresenta uma defesa social em detrimento do lirismo que em sua poesia muito bem sabe produzir.

O *Manifesto Comunista* e *Cante lá que eu canto cá* estão para Marx e Patativa como obras que se fundem em suas funções sociais. Assim como Marx, eis um Patativa com temáticas que clamam por transformações econômicas e sociais (valor do trabalho) como a mais-valia e exploração, decantadas nos versos de *Eu quero*<sup>21</sup>:

Quero paz e liberdade  
 Sossego e fraternidade  
 Na nossa pátria natal  
 Desde a cidade ao deserto  
 Quero o operário liberto  
 Da exploração patronal [...].

Eu quero o agregado isento  
 Do terrível sofrimento  
 Do maldito cativo  
 Quero ver o meu país  
 Rico, ditoso e feliz  
 Livre do jugo estrangeiro

---

<sup>21</sup> (ASSARÉ, 2011, p. 116).

### 4.3 Analogias entre poeta e filósofo

Max Stirner (1806-1856), contrariamente à pregação marxiana, concebe um indivíduo que recusa a ideia da existência de condições para a luta social e a organização revolucionária, o que significa uma guinada do idealismo hegeliano à reação romântica. Na obra “*O único e sua propriedade*”, publicada em 1845, ele se baseia no espírito anárquico pequeno-burguês com raízes no idealismo filosófico dos jovens hegelianos.

A título de observação não é demais imaginar que Marx, certamente conhecedor das teses de Stirner, as refutaria. Na obra intitulada *A ideologia alemã*, ele e seu camarada Engels deboçam da “ilusão” pequeno-burguesa e anarquista de Stirner concebendo um indivíduo como “Incomparável” e “único”. Não obstante sua oposição ao filósofo Karl Marx, Stirner exalta poetas e filósofos por ele assim definidos como muito boa dose de generosidade e, ainda, ratifica a tese comparativa das obras de Marx e Patativa guardadas, claro, as devidas proporções ao referir-se à mente que filosofa tanto na universidade quanto na aldeia:

É possível que um poeta inato, depois de realizar os árduos estudos necessários para a atividade da poética, se veja impedido, por circunstancia desfavoráveis, de colocar-se à altura de seu tempo e de criar grandes obras de arte; mas fará versos seja ele um agricultor ou tenha a sorte de viver na Corte de Weimar [...]. Uma mente nascida para filosofar ganhará credibilidade na universidade ou na aldeia. (STIRNER, 2004, p. 140).

Corroborando com o pensamento de Stirner se pode imaginar que Patativa alçou voos muito além da “aldeia Assaré”. Sua rima e sua métrica arquitetadas sob a batuta de uma fabulosa contextualização, onde as metáforas e tantas outras figuras de linguagem possibilitam um mix de encantamento e espanto com o que de real ele elabora nas asas da poesia. A poética patativana percorre o mundo indo além, transpondo dos obstáculos aos mares, oceanos, continentes, conquistando almas e preenchendo corações afeitos a um discurso verdadeiro e carregado de denúncias e esperanças.

Sabe-se que a academia não é lá muito afeita ao conhecimento embalados em “matulões”, ela parece pressupor virtuosismo acadêmico em tudo que a ela remeta, mas o “*Cante lá que eu canto Marx: traço marxista na obra de Patativa do Assaré*” pretende abrir uma fresta como que surgindo da caverna (A Alegoria da Caverna de Platão – Livro VII) e vislumbrando um tempo novo e claro como a luz do Sol, como se confere em “*Aos poetas clássicos*”<sup>22</sup>, um lamento de quem diz que deixou a escola e, mesmo neste lamento, denotando o cuidado com sua gente em sua “lira servage”:

---

<sup>22</sup> (ASSARÉ, 2011, p. 17).

Eu nasci aqui no mato,  
 Vivi sempre a trabaia,  
 Neste meu pobre recato,  
 Eu não pude estudá.  
 No verdô de minha idade,  
 Só tive a felicidade  
 De dá um pequeno insaio  
 In dois livro do iscritô,  
 O famoso professô  
 Filisberto de Carvaio [...].

Depois que os dois livro eu li,  
 Fiquei me sintindo bem,  
 E ôtras coisinha aprendi  
 Sem tê lição de ninguém.  
 Na minha pobre language,  
 A minha lira servage  
 Canto o que minha arma sente  
 E o meu coração incerra,  
 As coisa de minha terra  
 E a vida de minha gente.

Antônio Gonçalves da Silva bem poderia ter sido mais uma vítima do sistema educacional brasileiro. Ao criar asas emancipou-se, como poucos, da servidão a que são submetidas gerações de homens e mulheres brasis afora: “*Eu não pude estudá. / No verdô de minha idade*” é um canto meloso entoado por Patativa e ainda ecoando nos tempos de agora. O menino ave alçou voos pelo campo da poesia o que o fez contemplar mundos muito além dos muros da ignorância a que são condenados seus iguais pelos sertões e litorais brasileiros. A escola que abandonou o menino Antônio é a mesma que se confere na crítica “O Indivíduo Burguês e a Crise da Escola”, numa referência **para além dos muros escolares**:

Ela pressupõe um indivíduo **competidor, autoritário e egoísta, capaz de se fazer por si mesmo**. Trata-se de uma concepção que atribui ao talento e a o mérito o fator de ascensão e desenvolvimento pessoal, responsabilizando o indivíduo pelo **seu** sucesso ou o **seu** fracasso. Ao ser responsabilizado pelo seu fracasso o indivíduo não poderá reivindicar sua autonomia nem sua liberdade, pois entrará em conflito com os interesses da classe que o domina, a burguesia. (PEREIRA, 2013, p. 91).

Em Pereira se vê preocupação com uma escola do individual em detrimento do coletivo. Este indivíduo além de competidor é autoritário e egoísta nos ditames capitalistas e, ainda, com o pressuposto de formar-se por si só, partindo do talento e mérito para galgar sucesso ou fracasso. A escola há que formar cidadãos antes de mão-de-obra consumidora, suscitar cooperação ao invés da competição, uma escola de sonhos no cumprimento do papel de ensinar, aprender a aprender na qual não se elabore projetos arquitetônicos, mas se estimule o pensar contando com novas metodologias de ensino com vistas à comunidade escolar: Uma escola para a cooperação entre “indivíduos coletivos”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo alemão Karl Marx, falecido nos idos de 1883, tem em sua lápide – Cemitério de St. James – nos arredores de Londres, uma das conhecidas “Teses Sobre Feuerbach”, na qual vaticina Marx (1996, p. 11): “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras, quando é preciso, entretanto, transformá-lo”. Um século e um quarto de

século não foram bastante para a história jogar por terra a luta e a obra marxiana em prol dos desvalidos proletários, hoje camuflados em nomenclaturas, mas igualmente emparedados aqui e alhures, explorados pelo mesmo capital a que Marx combatera em sua contemporaneidade. Quase um século e meio e o filósofo prussiano assustando o mundo capitalista.

“A filosofia não serve para nada”, sustentam alguns incautos. Aqui ela promove o debate e levanta a hipótese sobre a existência ou não dos traços de similaridades nas obras de Patativa do Assaré e Karl Marx. O que há de concreto é que o poeta deixa sua aldeia Assaré e chega à Academia pela verve dos seus versos e o aporte da sua inquietação própria dos filósofos. Ele, um filósofo trovador nordestino; Marx, pela junção da teoria e práxis filosófica e ação, um imortal que ficaria bem assinando um poema patativano; e Patativa alardeado ao mundo: “*Proletários de todos os países, uni-vos, a terra é nossa!*”

Recorro à primeira pessoa para verbalizar o quanto foi, é, e continuará sendo rico e afetuoso o trabalho de pesquisa e elaboração de texto na tratativa do problema abordado. Evidente está que a coletânea *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino* traz em seu bojo um discurso marxiano no qual denuncia, pela via do verso feito fogo saído do braseiro, a exploração, expropriação, mais-valia, miséria e propriedade. Patativa traz, com a propriedade de quem dominava rima, métrica, melodia e – mesmo a despeito de não ter lido – conceitos de Karl Marx sob o tema que me (en) cantou.

Tratando, como se versos fora: é por aqui que encerro – por enquanto – essa peleja, tratando de homem simples e tudo que o artigo enseja da obra de Patativa, comprometida, ativa, cumprindo o que se almeja. Como já dissera antes “não é fácil de dizer” aquilo que não se disse (mesmo belo de se ver), vendo “traço marxista” sem discurso de sofista, mas tentando convencer que a obra patativana em seu âmago sugere, ser calcada em Karl Marx e, não à-toa, ela refere “*Trovas de Filosofia*” na capa, quando anuncia, o tema que aqui se infere. Trazer à Academia um “simplório” camponês ou é falta de juízo ou tem muita sensatez: pautado na “Razão Pura” interpreto, com lisura, crítica que Kant fez. Quanto à obra de Karl Marx, Patativa leu, releu..., no entanto há referência que o contrário defendeu. Leu Karl Marx (não invento) e, se dou conhecimento, este assunto, então, morreu!

## ABSTRACT

Objective This article presents the theme "Marxist traits in the work of Patativa do Assaré", pointing out similarities between the work of the prussian philosopher and poet of Ceara,

under the title "Sing there I sing Marx", an explicit reference to "Sing there I sing - philosophy a troubadour from northeast", a collection of poems, whose work cordelística is loaded with a lot of identity and wealth of orality, suggesting a reading accurate world around them. Antônio Gonçalves da Silva is converted "Patativa do Assaré" at the age of twenty by similarity with the corner of the bird patativa so melodious as sad. Of the above works will be addressed the aspects concerning the themes of Exploration, expropriation, capital gain, misery end property very present in the work of the philosopher Karl Marx as the poet Patativa do Assaré, philosopher and troubadour northeast, as suggested by the subtitle: "Philosophy of a Northeastern troubadour".

Keywords: Exploration, Expropriation, Capital Gain, Misery, Property.

## REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. In: SILVA, Antônio Gonçalves da. Ispinho e fulô. 3. ed. Fortaleza-CE: 2001.

\_\_\_\_\_. **Patativa do Assaré, Ave Poesia**. Disponível em: <<https://visaopessoal.wordpress.com/2011/03/16/39-%E2%80%93-patativa-do-assare-ave-poesia/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Triste partida**. São Paulo: Hedra, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Patativa do Assaré fala sua vida e obra, a relevância dos seus poemas, o significado político dos seus atos e sua imensa contribuição à cultura brasileira**. Entrevistadora: Angélica Martins. Programa "De corpo inteiro" – TV Educativa do Ceará. Mountain View: Google, 2013. (1h 23min 23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw&t=13s>>. Acessado em: 23 nov. 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**. Campinas: Unicamp, 1999.

CAETANO, E. R. Dica de direito. **Conceito de Analogia**. 2007. Disponível em: <<http://dicadedireito.blogspot.com.br/2007/11/conceito-de-analogia.html>>. Acessado em: 04 ago. 2017.

Dee BROWN - **Enterrem meu coração na curva do rio: a dramática história dos índios norte-americanos**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2003.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARIAS, Vital. **Sagas brasileiras**: saga da Amazônia. Blogspot, 1982. Disponível em: <<http://vitalfariascantador.blogspot.com.br/2011/07/vital-farias-minha-historia-e.html>>. Acessado em: 16 ago. 2017.

FILÔ, Jorge. **Vates e violas**. Quem não viaja, fica: clorofila. Blogspot, 2008. Disponível em: <<http://vateseviolas.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 05 ago. 2017.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JOSÉ, Louzeiro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6225/jose-louzeiro>>. Acesso em: 02 de mai. 2017.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**; comentado por Chico Alencar. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. **O capital**: extratos por Paul Lafargue. 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **O capital**: Crítica da economia política. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PEREIRA, Valmir. **O indivíduo burguês e a crise da escola**. 1ª. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

STIRNER, Max. **O único e a sua propriedade**. 1. ed. Lisboa: Editores Refratários, 2004.

TEIXEIRA, Liliana Lavissee. O canto da Patativa: oralidade e performance na poesia de Patativa do Assaré. **Inventário**, Salvador, v. 1, n. 13, p. 103-116, dez. 2013. Disponível em: <<http://https://portalseer.ufba.br/index.php/inventario/user/register>>. Acessado em: 05 ago. 2017.

WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.